

**CARTOGRAFIAS DA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS/ES:
HOMOFOBIA E ESCOLA**

**PENALVO, Claudia
GOULART, Treyce Ellen
MEDEIROS, Talita
SILVEIRA, Marlon
MENDES, Luiz
CAETANO, Marcio Rodrigo Vale (orientador)
claudiapenalvo@somos.org.br**

**Evento: Encontro de Pós-Graduação
Área do conhecimento: Educação**

Palavras-chave: Formação continuada. Políticas públicas. Homofobia

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desse texto é questionar, analisar e compreender alguns dos modos como a política pública de formação continuada em gênero e sexualidade para professoras/es das redes públicas abordam o tema da homofobia. A homofobia, em linhas gerais, relaciona-se a atitudes de violência (física, psicológica) e atitudes que atuam como interdição, controle e vigilância de comportamentos sexuais não-heterocentros e/ou não representados pelos padrões identitários de gênero.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Seguimos como referencial teórico as contribuições de autoras/es que propõem problematizar a educação a partir de uma corrente de pensamento crítico e da Filosofia da Diferença. Analisar políticas públicas de educação em formação continuada em gênero e sexualidade pode ser potencializado através dessa tecnologia, visto a complexidade da criação das mesmas e de atrizes/atores envolvidas/os no processo. Pois o campo social é um campo de oposição, assim como os currículos; é uma luta em torno de valores, significados e propósitos sociais. Pois, as políticas públicas de educação fazem parte de um complexo engendramento de ações que visam colocar em prática modelos específicos de indivíduos, com a função biopolítica de conduzir a vida para um determinado ponto, embasados nos escritos de Michel Foucault (2014).

Nesse cenário, a escola é uma instituição de interesse para o neoliberalismo, visto que os processos econômicos precisam ser ensinados, governados, regulados e controlados. E a homofobia embasa-se em “valores, mecanismos de exclusão, disposições e estruturas hierarquizantes, relações de poder, sistemas de crenças e de representação, padrões relacionais e identitários, todos voltados a naturalizar, impor, sancionar e legitimar” (JUNQUEIRA, 2009, p. 375) a sequência sexo-gênero-sexualidade, cujo foco é a heterossexualidade (BORILLO, 2009).

Para Sílvia Gallo (2008), falando em educação menor, lembra que ela age nas brechas, que foge, e, dessa forma, resistir é sempre possível; é aquela que acontece nas salas de aula entendidas como trincheira para o exercício de uma militância que

vai além ou aquém das políticas públicas em educação. Assim, reforça a necessidade de se investir e insistir na busca de um processo educativo comprometido com a singularização. É viabilizar conexões sempre novas: entre estudantes, entre projetos, entre professoras e professores. Nessa perspectiva, todo ato adquire um valor coletivo, toda a ação implica muitos indivíduos e toda singularização será, ao mesmo tempo, singularização coletiva. Rompe com a hierarquização, pois são múltiplas as possibilidades de conexões em função das inúmeras possibilidades de linhas de fuga.

3 MATERIAIS E MÉTODOS (ou PROCEDIMENTO METODOLÓGICO)

Como caminho metodológico, realizamos rodas de conversa (AFONSO e ABADE, 2008) com professoras/es em três escolas Públicas Municipais de Ensino Fundamental de Rio Grande e São José do Norte, análise de documentos disponibilizados pelo MEC nos cursos GDE/GDS e inserção no cotidiano de uma das escolas.

4 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Ao trabalhar de forma isolada, professoras/es podem tornar-se vulneráveis ao entorno político, econômico e social, provocando adoecimento de docentes, dentre outras questões.

Homofobia e racismo são fenômenos que se apoiam e se fortalecem mutuamente para excluir e, muitas vezes não são percebidos nas práticas escolares.

A produção de conhecimento quando se dá no/pelo coletivo, fortalece o reconhecimento do saber local.

A religiosidade necessita ser discutida enquanto ética, visto que é tema recorrente no cotidiano escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas interessantes para a pesquisa denotam que no espaço escolar a homofobia ainda é um tema sensível e está engendrada com outras problemáticas como racismo e classismo, e muitas vezes não é percebida; e as formações continuadas necessitam estar diretamente ligadas ao cotidiano escolar contribuindo para uma (re)significação dos fazeres pedagógicos.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, M. L.; ABADE, F. L. **Para reinventar as rodas: rodas de conversa em direitos humanos**. Belo Horizonte: Recimam, 2008.
- BORRILLO, Daniel. A homofobia. In: LIONÇO, Tatiana e DINIZ, Debora (org.). **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras Livres: Ed. UnB, 2009. p. 15-46.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014. 175 p.
- GALLO, Sílvio. **Deleuze e a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. 104 p.

**14ª Mostra da
Produção Universitária**

de 26 a 29 de outubro

